

## Índice

A Aura do Assassínio	7
Primeira Parte	15
Segunda Parte	227
Nota do Autor	467
Breve Glossário	469

## A Aura do Assassínio

### 1

Certas histórias nunca chegam ao fim. Mesmo na nossa época, no ponto de mira da narrativa histórica viva, na premência reencenada das filmagens e das gravações vídeo, há histórias à espera de conclusão, abertas às investidas da análise ponderada e da especulação obsessiva. Estas histórias, pelo menos nalguns casos, sofrem também uma espécie de condensação, impregnam a textura da vida quotidiana, tornam-se quase inseparáveis dos mil e um pequenos entusiasmos que definem um dia rotineiro de crepitação visual e auditiva processada pelo nosso cérebro calejado de consumidores.

Há um jogo de computador que qualquer um de nós pode jogar, em que adotamos a posição e a perspetiva privilegiada de Lee Harvey Oswald sobre a Dealey Plaza no momento em que o cortejo automóvel presidencial passa lentamente. O jogo foi lançado no mercado por uma empresa sediada na Escócia, no quadragésimo primeiro aniversário do assassinio. Desafia-nos a recriar os três tiros disparados sobre o carro do presidente da janela do sexto piso do depósito de livros onde Oswald trabalhava. Caso consigamos fazê-lo com maior precisão do que qualquer outro jogador, em termos de trajetória e de *timing*, podemos ganhar cem mil dólares. Se alvejarmos a primeira-dama por engano, são-nos descontados pontos.

Há à venda uma *T-shirt* que ostenta a imagem fotográfica de Oswald mortalmente ferido por Jack Ruby, de olhos fechados, a boca deformada num esgar, um ícone da dor física, só que, neste caso, a dor é *rock 'n' roll* em estado puro. Ruby brande uma guitarra, não um revólver, e o detetive no extremo oposto da imagem, de fato claro e

*Stetson* a condizer, também traz uma guitarra a tiracolo, e no centro do palco surge então a figura mítica de Oswald, a vociferar o seu amor triste e desvairado, de microfone colado à boca.

## 2

Ao longo dos anos, muitos temas floresceram em torno do assassinio do presidente Kennedy. Envolvem peripécias conspirativas, motivos complexos, teorias néscias, países estrangeiros, serviços de espionagem americanos, organizações criminosas, forças policiais e o sentimento da manipulação secreta da história.

Haverá mais alguma coisa à espreita no limiar da revelação, uma qualquer realidade crua, límpida e demonstrável, apontando para Oswald como o atirador solitário ou para a presença de um segundo atirador na Dealey Plaza naquele dia, enquanto o cortejo automóvel descia ao longo da Elm Street?

Esta pergunta sugere o tema final, que é a tecnologia moderna.

A tecnologia tem tendência a representar uma pulsão ao encontro do futuro, uma promessa acelerada de redes e sistemas microrrefinados, sondagens cada vez mais profundas para desvendar o modo como vivemos e pensamos. A tecnologia reivindica o futuro em nosso nome. Possui também a capacidade de reivindicar o passado — para sermos mais precisos, neste caso, um único momento fugidio aprisionado nas estrias de uma velha bobina de dictafone.

Passaram-se décadas de fotoanálises, exames de balística e outras formas de investigação forense. Há hoje, em processo de aperfeiçoamento, um aparelho de análise digital que talvez permita responder finalmente a uma pergunta crucial que paira ainda sobre a limusina salpicada de sangue. Este dispositivo permitirá destrinçar os sons gravados de forma acidental por um microfone ligado numa moto da polícia, alegadamente aquando dos disparos. Estes sons foram transmitidos instantaneamente para uma sala de controlo na sede da polícia de Dallas, onde todas as comunicações radiofónicas iam sendo gravadas de forma rotineira.

Trata-se da única gravação áudio conhecida efetuada naqueles momentos cruciais. Passaram-se anos antes de a gravação ter sido descoberta e, em seguida, analisada por peritos em acústica. Duas investigações produziram resultados contraditórios. Estes relatórios, porém,

foram tornados públicos em 1979 e em 1982. Há agora novas tecnologias, expectativas mais elevadas. Quando o dispositivo de digitalização estiver operacional, os cientistas creem que irão conseguir gerar uma imagem digital nítida dos sons registados na velha gravação. Irão isolar os disparos do ruído circundante e das vozes afastadas. Então talvez cheguemos a uma resposta. Três disparos, Oswald agiu sozinho. Quatro disparos, houve outro atirador.

Em *Libra*, ele está presente, o segundo atirador, um homem com nome, rosto e nacionalidade. Eis como a história perdida se converte na tessitura livre da ficção. Esse homem encontra-se de pé atrás da vedação de madeira, na colina arrelvada, de arma em punho, a ver aproximar-se a limusina. Ele não é a resposta à pergunta que os investigadores, os cientistas, os historiadores, os responsáveis governamentais e tantos outros têm vindo a fazer ao longo das décadas. É apenas o homem que se encontra parado no espaço vazio.

### 3

Há alguns anos, recebi uma carta do diretor de um jornal, perguntando-me se estaria interessado em escrever um ensaio acerca de assassinos americanos. O nome de Oswald constava da carta, com o nome próprio grafado L-e-i-g-h. Por momentos, fiquei de olhos fitos na carta, a absorver o impacto. O erro mudava tudo. Imaginei aquele fulano, Leigh Oswald, magro e elegante — põe laca no cabelo para dar brilho e para o penteado não se desfazer ao longo do dia. Quer ser ator ou modelo. Muda-se para Nova Iorque e inscreve-se numa escola de representação, serve às mesas para pagar as contas e para poder ir de vez em quando ao Bloomingdale's fazer uma pequena extravagância. A história depende de um nome mal escrito.

Também se repete enquanto arte performativa. Num dia de verão de 1975, o Ant Farm, um coletivo oriundo da contracultura, reencenou o espetáculo do cortejo presidencial em Dallas. Dois membros do grupo fizeram o papel de Kennedys, ambos homens, um deles travestido. Os turistas começaram a aglomerar-se, cada vez mais numerosos, à medida que o percurso da limusina pela Elm Street abaixo ia sendo repetido, vinte vezes ao longo daquele dia. O coletivo tinha as suas próprias equipas de filmagem e vídeo, e os turistas tinham as suas máquinas fotográficas *Instamatic*. Não houve disparos simulados, ninguém fez

o papel de Oswald. Algumas pessoas na assistência, porém, choravam de cada vez que o presidente-ator tombava subitamente de borco no banco traseiro, vítima de uma morte mimética. O Ant Farm estava a recriar um acontecimento mediático, não um atentado. Estava, com efeito, a reencenar o filme Zapruder, o filme caseiro original do atentado. A versão do coletivo, intitulada *The Eternal Frame (O fotograma eterno)*, é um ato de surrealismo arrepiante e distanciado, com significados a acumularem-se a cada momento num enorme saco de plástico repleto da aura do assassínio.

## 4

A tremenda força trituradora da história, por vezes aleatória, muitas vezes sem lógica nem nitidez, pode produzir uma obra de ficção cuja eficiência assente numa estrutura e num padrão bem definidos, no desvendar pormenorizado de uma qualquer vetusta perplexidade ou ansiedade, uma qualquer confusão que perdura algures por aí, a três dimensões, num lugar onde o sangue é espesso e genuíno, mas onde talvez não consigamos contar quantos disparos soaram.

Um dia, porém, depois de este texto ter sido escrito, mas talvez antes de ser publicado, os físicos de partículas do Lawrence Berkeley National Laboratory irão concluir o trabalho no seu aparelho de análise digital e preparar-se-ão para extrair um sinal das estrias assimétricas do objeto conhecido por Dictabelt N.º 10.

E então, quiçá, haverá um número para ligar à saraijada de tiros.

Três ou quatro — ou terão sido cinco? Este último número surgiu como resultado de um estudo acústico realizado em 2001.

Poderá algum número ser definitivo?

Por natureza, a tecnologia, na sua futuridade brilhante, incorpora a vontade de superar os avanços do ano, da semana, do minuto anterior. Análise oscilográfica, microscópios confocais, réplicas digitais. Quanto tempo leva uma tecnologia a dar lugar à seguinte? E onde, por fim, está a verdade nesta matéria? Será possível recuperar alguns ruídos dispersos, gravados num dia de 1963, ao ar livre, num local apinhado de gente, a partir de uma velha bobina danificada de dictafone, com estrias de setenta e cinco micrones de largura e cinco micrones de profundidade? Recuperá-los, copiá-los, decifrá-los. Desejamos acreditar que sim, que é possível. Uma personagem deste romance afirma

que os factos são coisas frágeis. Afirma que o passado está a mudar no preciso momento em que ele próprio medita acerca desse passado, sentado à secretária. Porém, desejamos convencer-nos de que estamos a lidar com a ciência, não com a metafísica. Estamos também a lidar com seres humanos, é claro, gente na sombra de um acontecimento épico que gerou uma enorme controvérsia, descobertas científicas contraditórias e as infundáveis querelas dos proponentes desta ou daquela versão da verdade.

É possível imaginar um esforço que não produza uma resposta clara à pergunta acerca do número de disparos.

É possível imaginar uma resposta clara seguida de um conjunto apaixonado de objeções informadas, ou objeções capciosas, ou objeções desenterradas nos limites remotos do delírio.

As ideias antagónicas podem perfeitamente definir-se, como sempre, não apenas no que toca aos aspetos políticos do caso, mas também no âmbito dos limites teoricamente mais rigorosos da investigação científica.

Vê a verdade e reconhece-a, se fores capaz.

## 5

Um ator contemporâneo em início de carreira, não Leigh mas Harv, talvez, muda-se de Nova Iorque para Dallas e em breve dá por si a servir bebidas a executivos de empresas no último andar do velho Depósito de Manuais Escolares, um piso acima do esconderijo do atirador. Eis o que agora acontece no sétimo piso, numa galeria para arte e fotografia. Jantares formais para grupos de vinte, receções para duzentas pessoas. Os convidados podem descer a escada para o sexto piso e contemplar artefactos expostos no museu relativos ao dia 22 de novembro. Há alguns anos, numa exposição dedicada a Warhol que incluía serigrafias de Jacqueline Kennedy, o conservador do museu disse: — Warhol foi ou não um grande artista? Estas obras têm lugar nestas salas? É como perguntar se os tiros disparados contra Kennedy foram três ou quatro. Trata-se de questões magnas.

No verão de 2004, em Nova Iorque, o Czechoslovak-American Marionette Theater apresentou uma produção intitulada *The Life and Times of Lee Harvey Oswald (A vida e a época de Lee Harvey Oswald)*. Não me apercebi do espetáculo até este ter saído de cena, por